

**JORGE ANDRADE: TEATRO, CAFÉ E LÁGRIMAS.** João Francisco Pereira Nunes Junqueira, Antônio Donizeti Pires. – Letras – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

A obra literária do dramaturgo Jorge Andrade (1922 – 1984) percorre pelo menos duas vertentes em sua concepção, uma ligada ao mundo moderno e suas aflições, como na peça *Milagre na Cela*, que tematiza as obscuras prisões ditatoriais presente em várias partes da América do Sul, e uma segunda vertente ligada diretamente ao passado familiar do autor e de uma parte da sociedade brasileira. Nesta, o autor de forma brilhante nos surpreende com um ciclo de dez peças, que recebeu o nome de *Marta, a árvore e o relógio*. Do ciclo serão retiradas três peças para análise, sendo todas voltadas para a questão cafeeira no Brasil: *O telescópio* (1951), *A moratória* (1955) e *Rasto atrás* (1965). As três, em geral, são históricas, dizem respeito à decadência do ciclo do café em São Paulo e tematizam vários tipos de conflitos: psicológicos, entre gerações, entre cidade e campo.

*O telescópio* tem seu valor por ser a primeira peça escrita por Jorge Andrade e nela já se perceber com que naturalidade os diálogos são feitos, embora algumas das personagens não escapem de uma caricaturização maniqueísta, que será extirpada em suas peças seguintes.

*A moratória*, obra-prima por si só, deixa-nos frente a frente com um autor maduro, que brinca com as palavras, além de criar personagens extremamente complexas e nos deixar emocionado com nossa própria história.

*Rasto atrás*, peça de todas a mais autobiográfica, simplesmente nos choca, pois aqui a desagregação familiar é o tema; pai e filho já não podem se suportar mesmo que se amem em seus interiores.

Jorge Andrade, em *Marta, a árvore e o relógio*, traça um painel histórico do Brasil e para isso o seu próprio passado serve como exemplo para criar personagens humanas que conseguem nos surpreender em pequenos atos e frases. Essa experiência humana e familiar do autor, convertida em experiência cênica e textual, foi de valiosa colaboração na modernização do nosso teatro.

O panorama do teatro brasileiro sofreu uma grande transformação a partir da década de quarenta, pois, contrário aos antigos sistemas de ensaio, as peças começaram a ser encenadas quase sempre ligadas a uma linha teórica e o teatro teve uma renacionalização, tanto no repertório (com o permanente uso de textos brasileiros), quanto nos meios expressivos de encenação.

Diante da situação do teatro brasileiro, o dramaturgo Jorge Andrade (nascido em 1922, na cidade de Barretos, falecido em 1984), sentiu a necessidade de exteriorizar parte de seus sentimentos relacionados à sua infância e vida adulta, visto que sua vivência foi dentro de uma família aristocrática, na época da decadência da aristocracia cafeeira, tema este recorrente em suas peças.

O interessante e talvez irônico ponto existente nas peças de Jorge Andrade é que seus temas, mesmo sendo estritamente brasileiros, sofreram influências de dramaturgos voltados para o teatro épico, como Eugene O'Neill, Arthur Miller e Bertolt Brecht.

Jorge Andrade engajou-se no teatro épico, modelo novo de drama, onde o tema já não mais corresponde ao espaço clássico de ação e as peças tornam-se somente uma situação na qual o passado e o futuro possuem maior significação que o presente. Aqui Jorge Andrade pôde se aproveitar de peças como *As três irmãs*, de Tchekov, para dar a sua obra uma forma muito mais de memórias do que uma preocupação com a unidade de ação no modelo clássico.

Embora Jorge Andrade tenha escrito sobre diversos temas, é o ciclo do café, que narra a decadência da sociedade cafeeira, em que mais ele se destacou, muito provavelmente pelo autor ter feito parte desse processo de decadência, e ter sentido, como ele próprio define, “no sangue”, o meio em que cresceu e viveu.

O método de análise das peças deve passar sem dúvida pelas teorias do drama moderno, principalmente pelo fato do uso excessivo do teatro épico. Teatro este que surge de forma consciente e teórica durante o século XX, tendo como principal representante Bertolt Brecht. No caso de Jorge Andrade, o épico é evidente no uso de planos temporais distintos, no distanciamento, no questionamento político-social e no uso diferenciado de rubricas. Estas, além de orientar possíveis montagens teatrais do texto, contam também uma história paralela, reforçando o conflito encenado. Trata-se, em termos de Anatol Rosenfeld, de um “narrador encoberto”, o qual se tornará ainda mais explícito na última peça do autor, *O sumidouro*. Essa mescla de gêneros, dramático e narrativo, além

de referendar a opção do autor pelo teatro épico, é de suma importância para o estudo das relações entre Teatro e História, em Jorge Andrade. Ressalte-se, assim, que o confronto entre o discurso da História e o discurso do Teatro é ponto essencial para uma compreensão mais profunda dos textos do dramaturgo paulista.

É inquestionável, ao se analisar as três peças citadas, o valor e a complexidade da obra de Jorge Andrade, pois elas envolvem vários âmbitos, como o sociológico, o econômico, o psicológico, o histórico. Sua profundidade nos incomoda, sofremos mais do que as próprias personagens; entramos em sua intimidade e nos sentimos responsáveis por elas. Jorge Andrade possui a capacidade de transformar um tema frio dos livros de História e dar-lhe vida no sentido mais amplo, tanto ao sofrimento quanto ao amor. Ao final da leitura das peças ficamos desgastados com nossa própria História, e sentimos a importância de um estudo pormenorizado de sua obra. Portanto, deixar esquecidas peças como *O telescópio*, *A moratória* e *Rasto atrás*, é um ato falho e quase um desleixo com nossa cultura literária e teatral. De onde se conclui que um estudo aprofundado sobre o autor daria um pouco mais de vida ao que hoje é uma centelha, mas que devidamente insuflada, incendeia.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, J. **Marta, a árvore e o relógio**. Estudos de Anatol Rosenfeld, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi et al. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986 (Textos, I).

BORGES, M. E. **A pintura na “Capital do café”**. Franca: UNESP, 1999.

CANDIDO, A., et al. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002 (Debates, 1).

CARSON, M. **Teorias do teatro**: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade. São Paulo: UNESP, 1997.

GARCIA, M. A M. **Trabalhadores Rurais em Ribeirão Preto**. Franca: UNESP, 1997.

GIRARD, G. & OULLET, R. **O universo do teatro**. Coimbra: Almedina, 1980.

MAGALDI, S. **Iniciação ao teatro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Panorama do teatro brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

ROSENFELD, A. Visão do Ciclo: estudo da obra de Jorge Andrade. In: \_\_\_\_\_. **O mito e o herói no moderno teatro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1982 (Debates, 179). p. 101 –122.

SZONDI, P. **Teoria do Drama Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

**Bolsa: FAPESP**